

A CHRYSALLIDA

Periodico da Mocidade do Lyceu Cuiabano

REDATOR CHEFE: — Benjamin D. Monteiro

COLLABORADORES: — Diversos

Publicação quinzenal — Redacção: Rua Joaquim Murinho 169

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

N.º 15

Cuiabá, 15 de Fevereiro de 1921

MMO T

O nosso reaparecimento

Tendo nos apresentado para a defesa de Cuyabá ameaçada então pelo ataque dos revolucionarios e em seguida sendo preciso prepararmos para os exames do Lyceu, que se realizaram com interrupção devido a esse mesmo movimento, e os exames de reservista que vimos de prestar, fomos torçados a deixar de publicar, muito a contragosto, pelo espaço de 2 mezes o nosso jornalzinho, pelo que pedimos mil desculpas aos nossos amáveis leitores, os quaes benevolos, estamos certo nos perdoarão.

A aceitação que elle tem tido da parte do nosso povo nos tem animado e encorajado a vencer as difficuldades que aqui se nos offerce a imprensa.

Fundado o nosso jornal A Chrysalida, sob os auspicios do nosso caro director Bel. Isac Pávoas, pelo fioso a^{mo}. Martins d'Oliveira, para darem os alumnos do Lyceu os seus primeiros passos no jornalismo, elle terá mais tarde, certamente, a benção dos nossos futuros escriptores, litteratos etc... que serão talvez esses mesmos que hoje lhe emprestam a modesta, porem, valiosa collaboração de suas pennis de estudante.

Affastou-se da direcção deste jornal em virtude da sua viagem ao Rio, onde foi ingressar-se na Escola de Medicina, o nosso amigo Deoleciano Martins d'Oliveira.

Entretanto a orientação d'A Chrysalida continua ser a mesma, obedecendo o programma que a principio traçamos. Pro-

mettemos desompenhar do melhor modo possivel a honrosa função de que fomos investidos por de-liberação dos nossos collegas, com o criterio, serenidade de animo e justiça a que faz jus o nosso cargo.

Formando-nos ao lado da boa imprensa, tendo o nosso jornal a collaboração de uma pleiade de jovens intelligentes do Lyceu, amantes da Verdade, da Justiça e do Direito terá "A Chrysalida" de vencer na sua trajetoria luminosa, as trevas das paixões, e dos abysmos da indifferença, abertos pela maldade humana, sempre firme e impavida em demanda do templo da Gloria.

A imprensa é a tempestade que atira as ondas das paixões dos homens contra o rochedo da Verdade, como é tambem defensora della, pregadora da doutrina e da fé.

A imprensa é o guia por excellencia de um povo, é a garantia das autoridades, é a promissora da paz e do progresso, como tambem pôde ser a ruina de um povo, a anarchia de um paiz, a queda dos poderes constituidos.

Assim pois, precisamos nós outros que dedicamos ao jornalismo, refletir bastante na emissão de palavras e conceitos porque a palavra fêre mais que a bayoneta que só attinge o corpo, pois que ella vae á alma; é mais poderosa que a tempestade que agita um oceano ou verga uma floresta, porque movimenta um povo; é mais forte que um rochedo que se gasta atravez dos seculos, porque é immorredoura, é eterna

Avante! Mocidade

Na juventude todos os horizontes se nos afiguram roseos, porem, voltando as vistas para o passado que se esconde na penumbra dos dias de hontem, vemos que desde o primeiro quartel da vida, carregamos um acervo de decepções e desenganos atrozes...

Mas, esses embates da sorte não desanimam as almas fortes, que de decepção em decepção, de desengano em desengano, vão no decorrer da sua marcha evolutiva, conhecendo a realidade das cousas e trabalhando com mais firmeza para alcançarem o fim que almejam.

Assim na juventude, além das vagas preoccupações que nos maltratam, soffremos pelas nossos ideias, porque sempre queremos fazel-os florescer, custe o que custar.

Por essa razão, ha pouco, padecemos uma decepção e quasi chegamos a um desengano, vendo o nosso jornal ás portas dum abysmo, onde fatal seria a sua queda...

Fomos felizes!... O nosso jornal foi salvo das ondas que o queriam arrebatar para as bre-nhas escuras do abysmo interminoso... do esquecimento!...

Voltando, hoje, para a arena jornalística a "A Chrysalida" espera o carinho e o acolhimento da mocidade patricia, e de todos aquelles que dignamente sabem concorrer com voluntarios auxilios para o bom exito dos empreendimentos que visam o progresso de Matto Grosso.

Companheiros! Não vacillemos em collocar os nossos redobrados esforços em sustentar o nosso

mento do estimado periodico da mocidade, quer auxiliando o com o nosso trabalho individual, quer concitando a collectividade lyceista para collaborar na obra que completará a metamorphose da nymphá, donde sahirá a borboleta, cujos vôos assignalarão no futuro a recompensa ao labor que agora empregamos.

Companheiros! Na juventude, devido a nossa inexperiencia das tacticas perversas, somos facilmente illudidos e assim, muitas vezes atirados nas chammas da desventura!

Para que isso não aconteça, necessario se torna que estejamos cohesos e preparados intellectualmente, porque, então, poderemos descobrir os tramas ardilosos que nos esperam, poderemos erguer-nos sobranceiros para combater, pela palavra falada ou escripta, as idéas a nós dirigidas por espiritos saturados de maldade e hypocrisia. Embora ainda titubeantes no terreno que vamos trilhando, estejamos sorridentes no nosso posto, sem nos incomodarmos com os sarcasmos daquelles que desdenham do nosso objectivo.

Si erramos, sob qualquer ponto de vista, estejamos promptos para corrigir os nossos erros, principalmente quando estes nos forem apontados por espiritos dignos de serem ouvidos nos seus conceitos.

Desprezemos as murmurações e sandices dos boçoes, cujas idéas degeneradas só poderão concorrer para o nosso mal-estar intellectual!

Defendamos o nosso jornal, trabalhemos pelo seu progresso e pelo de nossa terra e nunca devemos ficar indifferentes ante os problemas que borbulham na sociedade, no Estado e na Patria, porque—como disse Olavo Bilac—«Os idifferentes são ainda peores do que os máos.

Porque os máos podem algum dia ser bons. Mas não se pode extrahir bondade dos que não são bons, nem máos,—entes amorphos, indolentes, apathicos, que têm olhos e não querem ver, têm nervos e não querem sentir, tem cerebro e não querem pen-

Mocidade! O nosso jornal, cuja utilidade é immensa, tem as columnas abertas para receber as vossas producções; vinde, pois, espargir as petalas do vosso robusto intellecto no magnifico campo da imprensa...

7—2—927

Bonifacio Cunha

Vida do bosque

Sinto-me desmorecido ao escrever a nossa vida do bosque, que se vai apagando na minha memoria, deixando uma saudade cada vez mais triste e o meu coração mais silencioso.

Raphael se sentira inspirado ao ver as obras primas de Miguel Angelo na capella de Roma. Assim quizera ser vendo aquelle bosque desolado e triste, á sombra calma d'aquellas arvores silenciosas. Deus illumine memórias meam. As minhas palavras são pallidas e frias, parecem um sonho de dôr. E' bom ser pedra e dâco não sentir... como escreveu Miguel Angelo na sua pedra tumular. Vinte e quatro dias foram para nós, uma vida cheia de alegria e ao mesmo tempo cheia de ternura e de cansaço.

Não ha nota vibrante de alegria que não tenha um som de tristeza.»

Que saudades que tenho d'aquella gentil campina, que se estende como uma toalha verde, triste na quebrada do horizonte, onde eu, Ivo e Neto iam, toda manhã serena, pisar o orvalho das freseas selvás a respirar o perfume virginal da natureza renascente. Como é triste o alvorecer de um domingo no bosque! Ouve-se ao longe, um murmúrio soluçante como os tristes suspiros de uma pobre orphan, ferida de morte. E' o sino que numa voz de choro, sobe ao céu como o gemido de um povo. Passavam gentis "princezinhas", de olhares amortecidos e de uma magia tal, que me fazia estremecer convulsamente. A meiga aragem que vinha do norte, esvoaçava-lhes os cabellos fulvos e um ligeiro sorriso, triste como christãos ao implorar a

piedade de Cesar corria-lhes nas faces. O dia se esvaecia aos poucos numa martyrisante nostalgia, cheio de angustia e de mysterio. Ao lado, a igrejinha "Mãe dos homens," doirada pelos derradeiros raios do sol, ostentava a sua velha e modesta cruzinha como symbolo da solidão e da morte. Nessa hora, vagava pelo sombrio bosque um silencio profundo, perturbado apenas pelo fonfonnar dos autos. Quando o sol lançava o derradeiro adeus, por sobre as cumieiras das serranias, aquellas arvores pareciam phantasmas no fervor tumular das preces. Aquelle recanto aprasivel parecia um tumulo silencioso e frio nas áleas sombrias dos cysprestes. A hora calma do crepusculo é triste como a agonia da morte. Ao longe, muito longe, na linha vaga do horizonte, pequeninas estrellas irradiavam no céu diamantino. A lua docil e passiva, como uma menina perdida seguia aos esplendores do infinito.

Oliveira Bastos

JURAMENTO À BANDEIRA

Realizou-se no dia 6 ultimo ás 9 horas da manhã, no pateo externo do Palacio da Instrução, o solemne compromisso á «Bandeira», pelos alumnos do Lyceu Cuyabano, approvados nos exames a que se submeteram para a obtenção da caderneta de reservista.

A cerimonia revestiu-se de grande solemnidade, comparecendo a ella todo o nosso mundo official, politico e intellectual; ex-mas. familias e stas que deram com sua presença maior brillantismo á festa.

Após o juramento que foi feito por 55 alumnos—a maior turma até hoje apresentada.—falaram: o Prof. Isac Póvoas, o Dr. Alyrio de Figueiredo e o Cap. F. Rondon estimulando os alumnos a não se esquecerem, jamais, das palavras do juramento alli repetidas; a não se desviarem nunca do caminho da verdade, da justiça e a nunca se revoltarem contra as autoridades judicialmente const.

que se lembrassem que eram a reserva da Nação e como tal formavam o exercito da victoria, sendo necessario não deixarem nunca de lado o seu fuzil.

Por parte dos alur nós falou o intelligente e esperançoso joven Celestino Pina que em brilhante oração agradeceu o comparecimento da selecta assistencia; e por parte da E. I. M. 175 falou o sarg. Ferreira que brilhantemente concitou os alumnos a seguirem as normas que durante o anno lhes foram ensinadas.

Durante a cerimonia tocou a banda do 16 B. C. que foi gentilmente cedida pelo seu digno Commandante. Aos alumnos da E. I. M. 175 os nossos parabens assim como aos Snrs. Instructores que com a sua tenacidade constancia e capacidade, contribuíram em grande parte para a obtenção da caderneta dos seus instruendos.

Poconé

(Conclusão)

**

«Progresso é o desenvolvimento de uma actividade», mas, sem o concurso de agentes diversos, as actividades não podem desenvolver-se ou procurar os meios de galgar os successivos degraus que as conduzem ao progresso.

Uma cidade, por exemplo, não pode progredir sem receber uma influencia capaz de preparal-a para a marcha evolutiva e depois guial-a através de todos os obstaculos que se erguem no caminho tortuoso que vai ter ao planalto limpido, onde se affirma o pedestal do progresso.

Uma cidade somente participará dos esplendores do progresso, si ella contar com o auxilio de agentes que saibam empunhar a lanterna e allumiar a vereda a ser trilhada.

Assim, tudo será coroado de bom exito e no fim da jornada a luz fosca da candeia se transformará em elarão brilhante que nos permittirá distinguir os verdadeiros agentes dos agentes de

Uma hora

Recordando.

Tu te lembras? A aragem penetrava
Nas folhas da palmeira brandamente
E tambem como a aragem, principiava
O ciúme a penetrar-me mansamente...

Mas eu tolo, a dizer-te que te amava,
Não via, não sentia inteiramente
Que o fim daquelle amor se aproximava
(E tu fingindo amar-me sorridente...)

Nunca penses que a tua volta aguardo
Pois hoje felizmente já não guardo
Sinão restos de pallida saudade

Não de ti... mas de um ente pequenino
Que se foi quando ainda era menino:
Meu amor que morreu na flor da idade...

Octavio Gurgel

**

Poconé vai, pouco a pouco, alcançando um estado mais confortavel, porque a par de outros influxos realmente beneficos, sente o calor progressista transmittido pelos automoveis que desde 1923 vão accordar as riquezas adormecidas na fecundidade daquella terra.

Poconé adquiriu mais uma parcella de energia, recebendo, novamente, um melhoramento de inestimavel valor—o Grupo Escolar—donde se irradia a luz balsamica que tocando á alma da creança faz desabrochar as primeiras petalas da cultura intellectual—instrumento valioso que serve de vehiculo á prosperidade e indica o grau de civilização dum povo.

A instrucção, essa luz maravilhosa que destróe a ignorancia e nos aponta o absurdo, nasce do bom ensino primario e Poconé, possuindo um excellente Grupo Escolar, avança, portanto, mais um passo para o progresso, cujo brilho já resplandece em grande parte do nosso Estado natal.

Caros leitores, hoje encerramos estes rabiscos, porque, como bem o sabeis, a crise aguda e bellicosa que presentemente avassalá o nosso Estado não nos permite delinear sobre a actual situação de uma cidade—Poconé—que se acha ameaçada e mesmo espoliada por um bando de famigerados doudivanes...

Dezembro—1926

Bonifacio Cunha

Martins d'Oliveira.

4 anos estive entre nós o inesquecivel amigo fundador da nossa "A Crisálida". 4 annos de prazer e júbilo para o nosso meio juvenil, proporcionou o poeta, o patricio e émulo do immortal cantor da cachoeira de Paulo Afonso, conduzindo-nos pelos mares da Harmonia onde nos prendia a sereia do seu coração, a poesia. Seguiu para o Rio com destino á Academia de Medicina no dia 26 do mês próximo passado, deixando-nos a sua saudade que, com asas de Icaro se desprendeu do além das recordações e caiu no Icário dos nossos corações. "A Crisálida" que sente a sua falta, almeja os mais ardente votos de prosperidade e ventura ao saudoso chefe de redação, esperando que o futuro lhe entregue quanto antes o prometido, a esperança fugitiva, a Gloria, a noiva lirial do poeta, a donzela flava que lhe sorri nas noites de insônia. Que os ventos da sorte lhe sejam propicios e o nosso anelo e que passem os annos da sua ausência rápidos como os que passou conosco. "A Crisálida" que dormia um sono profundo, despertou-a agora o sentimento de gratidão, estampado nestas deprentenciosas linhas nas quaes deseja toda sorte de bem ao seu saudoso fundador, o aventureiro que procura no mundo da sciencia a esmeralda, a reliquia sempiternamente pesquisada, que, o autor do Fauto emplcou nos últimos momentos da vida.

Luz é que Castro Alves pediu.
Luz!...

Que, se luz rola na te
Deus colhe gênios no céu.

Dr. Mario Corrêa

E com prazer, que registramos nestas linhas a data natalicia do Exmo Dr. presidente do Estado, occorrida a 4 do corrente. A sua retirada da capital, privou os seus amigos de lhe manifestarem a admiração e estima, que votam a S. Exa., pelas suas altas qualidades de administrador e medico "sallida", representando a moei-

dade cuyabana, formúla os mais sinceros votos de felicidade.

Prof. Joaquim R. Marques

Transcorreu no dia 3 do corrente o anniversario do nosso querido professor, Joaquim R. Marques, que com rara capacidade e dedicação vem regendo, desde alguns annos, a cadeira de Latim no Lyceu Cuyabano. "A Chrysallida" que sempre o admirou, faz votos pela sua felicidade pessoal, e pede a Deus que essa data se prolonge "ad multos annos".

Inauguração do Curso Commercial

Como preito ao 1º anniversario de Governo do Exmo Sr. Dr. Mario Correa, realizou-se no dia 22 de Janeiro a inauguração do Curso Commercial "Antonio Correa" creado pelo Dr. Manoel Paes, quando secretario do interior, e sob os auspícios do Governo e da Municipalidade.

A essa solemnidade compareceu a flor da sociedade cuyabana tendo feito o discurso official o Sr. Dr. Leonidas de Mattos.

Em seguran fallaram: o Sr. Bel. Isaac Póvoas, que em breves palavras mostrou a necessidade da fundação de um Curso Commercial em Cuiabá; e as Stas. Anna Luiza de Mattos e Divonne Addor ao serem inaugurados os retratos do Dr. Mario Correa, e o de seu pae Dr. Antonio Correa.

Em ultimo logar usou da palavra o Dr. Manoel Paes, que declarou em nome do Governo, estar officialmente inaugurado o Curso Commercial.

Aos promotores desta iniciativa os nossos mais calorosos parabens.

Partida de estudantes

A 26 de Janeiro p.p., na hora em que o crepusculo vespertino cobria o poente com o seu brilho d'ouro, na praia do Cuiabá e a bordo da "Iguatemy", vibraram cordas de muitos corações e lagrimas saltitaram em muitos olhos... Quadro triste, quadro consolador!... Triste, pelas saudades que nos deixou, consolador, pelas esperanças de que nos encheu...

Naquelle quadro, cujas cores naturaes nos encantaram, vimos o que aqui registramos prazenteiramente—a partida de caros collegas que foram para a Capital. O estudo esse nectar dulcissimo

Com o coração já cheio de saudades, demos o adeus, naquela hora de prantos, aos seguintes amigos, cujos nomes nos é grato registrar em nossas columnas: Bel. Pelagio Palma, Vaz Curvo, Ivo de Arruda, Gumercindo Borges, Alexis Addor, Nestor Cuiabano, Aretino de Mattos, e Deocleciano de Oliveira, digno ex-redactor chefe deste órgão.

Aos nobres e intelligentes collegas, que certamente vão seguir no Rio a mesma trajetória cheia de flores trilhada pelos estudantes mattogrossenses, desejamos boa viagem, saúde e felicidade nos estudos.

Felicidade Incompleta

Distante duas leguas da cidade, á beira de uma estrada, protegido pela sombra de uma figueira, ficava isolado naquelle immenso campo um misero ranchinho, que resguardava da furia do tempo, um casal de velhinhos e uma filha.

Deitado em um catre que ficava ao canto estava o chefe da familia, um velho muito doente, estragado pelo excesso do trabalho com que lutava desde ha muitos annos. A mulher tambem doente, embora trabalhasse ainda vivia fiando algodão, para fazer redes que seriam vendidas na cidade, por qualquer meia pataca que não pagava os sacrificios empregados nesse trabalho.

Alice, filha unica do casal, moça de seus 18 annos, era de uma belleza rara que nem mesmo os maus tratos, poderiam encobrir aquelles traços de virgem. Criada desde a infancia na miseria, a moça era tudo daquella casa, sendo que o espelho, era o unico objecto de suas vaidades onde se mirava alguns instantes, constituindo isso um ligeiro momento de felicidade.

A miseria era a melhor amiga daquelle lar, no qual passava aquella familia dia inteiro sem comer.

Certo dia, Alice accorda com os gemidos de sua mãe que ardia em febre.

A desgraça mais uma vez entrara naquelle casebre onde se via dois pobres enfermos atirados no fundo de um catre.

Sem recusos de uma vez, sozinhos, com os paes doentes, a pobresinha da moça não sabia que fazer, para tratar daquelles dois pobres. Alice não descaçava; ora sahia pelo campo atraz de raizes e folhas, com que fazia remédios.

O casal de velhos peorava dia a dia. Numa bella manhã de sol, em que tudo sorria, a natureza parecia querer narrar alguma surpresa. Ouvia-se ao longe o cantar alegre das sariemas, perizes e jaós; bando de periquitos passavam em gritaria infernal; no terreiro

do o seu *co-co-ro-co* agudo e longo; mais adeante a jurity piava num galho de figueira. Só não sorriam os pobres daquelle misero ranchinho. Nesse dia, os dois velhos accordaram pedindo um alimento, "pelo amor de Deus", coisa que alli não existia a dois dias.

A pobresinha da moça como uma doida, com o coração a cortar, pega uma espingarda e sahe para o campo á procura de uma caça para alimentar os paes.

Depois de andar um pouco, encontra á beira de um riacho, uma linda sariema bebendo agua. Dando-lhe um certo tiro, que a prosta inerte no chão, começa a limpar a ave. Nesse trabalho, ao abrir-lhe a moella, Alice encontra com grande surpresa, uma pedra de diamante de regular tamanho.

A felicidade chegára... mas nunca... vem completa!

Alice com a pedra entre os dedos e abandonando o resto, corre para mostrar a seus paes, a pedra preciosa que deveria constituir a felicidade daquelle lar nefasto.

Empurando devagarinho a porta, Alice chama pelos seus paes que abraçados um ao outro dormiam um somno mysterioso... Tentou então accordal-os, soccudindo-os, mas qual... dormiam o somno da morte.

P. Coêlho

Cuiabá, 3-12-926

Perfil

Eis-nos novamente, em scena.

A nossa Kodak, já carregada, só espera que alguem lhe passe pela frente para... perfilal-o.

Ouvimos passos... Sahé da frente, leitor, sinão... sinão...

Zap! e, já em posição de sentido, nos espera o bicho, engaiolado

Que *bichão!*—diria o Mario.

Olha a *feição* delle, leitor!

Baixote, com pretensões a passar o Manão, sempre nas formaturas discute com o Nelson por querer ficar-lhe á frente o que o outro não pode, absolutamente admittir.

E' moreno, batuta, dengoso e...

Ao longe, é o seu appendice nazal a parte que primeiro se distingue, principalmente á noite, pois tem-no osseo e como bem sabem os naturalistas, é phosphorescente.

Achamos graça leitor é do nosso amigo querer já se casar.

Quer se casar? E como?—O *cunhado* já disse que só se casará com a mana quem tiver *cincoenta bahianos* dentro de pé de meia...

Para vencer esta difficuldade o nosso amigo seguiu, para Poconé. Quer se casar com uma fazendeira e... depois de viuvo... já deveis saber, leitor.

Quem será, o bicho?

Filante & Sicrano